

SESSÃO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Florianópolis, 18 de abril de 2018

Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

As minhas primeiras palavras nesta Casa da Democracia são para, em nome do Povo dos Açores, saudar, fraternal e efusivamente, o Povo de Santa Catarina através, quer dos seus representantes eleitos, quer das suas instituições de governo.

Chego aqui, a este local e a este momento, sob o signo de um passado de epopeia, de um passado épico, em que a memória, a identidade, a cultura, e até o sentimento, são a força motriz de uma presença e de uma afirmação.

Mas, se aqui chego informado por esse espírito, se aqui chego invocando a gesta dos que, há 270 anos, aqui também chegaram, é sob o signo do Futuro que quero dirigir-me ao Povo de Santa Catarina e aos seus lúdimos representantes.

Futuro daquela que pode ser a relação entre dois Povos;

Futuro das relações de afinidade histórica e cultural entre os Açores e este Estado;

Futuro, em suma, que se traduza na reconfirmação pela Política, e através da Política, daquilo que o Sentimento, o Coração e a História há muito já encetaram e concretizaram: a ligação entre os Açores e Santa Catarina.

E comigo, nesse ensejo, quero registar a presença de uma importante e digna Delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, composta pelos Senhores Deputados José San-Bento, do Partido Socialista, António Marinho, do Partido Social Democrata, e Alonso Miguel, do Centro Democrático Social – Partido Popular.

De igual modo, é com grato prazer que registo a presença dos Senhores Presidentes das cidades açorianas de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, de Angra do Heroísmo, José Álamo de Meneses, e da Praia da Vitória, Tibério Dinis.

O facto de, em ambos os casos, pronta e convictamente, os Senhores Deputados e os Senhores Presidentes das Câmaras Municipais terem acedido ao meu convite para integrarem a comitiva desta minha deslocação, é mais um sinal, a juntar a tantos outros, não só da importância política e institucional que atribuímos a esta visita, mas também do reconhecimento coletivo do Povo Açoriano por esta comemoração.

Reconhecimento, desde logo, a esta Casa – sede da representatividade do Povo deste Estado –, na pessoa do seu Presidente, Deputado Aldo Schneider, por tão honroso convite e pela oportunidade que me dão de vos endereçar estas breves palavras.

Reconhecimento que se estende, também, ao Senhor então Deputado Manoel Mota, proponente do estabelecimento de 2018 como o Ano dos Açores em Santa Catarina, e,

igualmente, às Senhoras e Senhores Deputados que, com o seu voto, confirmaram essa proposta, essa intenção e essa homenagem.

Este ato, que confirma a relevância da herança açoriana na sociedade catarinense, património que contribuiu, ao longo destes 270 anos, para o seu desenvolvimento sociocultural e para a identidade do seu Povo, merece, da parte do Governo dos Açores e dos Açorianos que vivem do outro lado do Atlântico, o mais profundo e reconhecido agradecimento.

Mas, aqui chegados, 270 anos passados sobre o aventureirismo da partida, 270 anos decorridos sobre a excitação da chegada e a esperança de uma nova vida, é tempo de fundar um novo futuro.

Esta é, pois, Senhoras e Senhores Deputados, a pergunta que também aqui, também hoje aqui, nos interpela a nós, políticos, quanto ao sentido que queremos dar a estes 270 anos.

O ponto de partida para a resposta a esta questão elementar de que, hoje, essa ligação terá de alicerçar-se noutras razões, noutra ambição e noutra visão do que aquelas que nos fizeram chegar até aqui.

O facto é que, ao longo destes mais de dois séculos, e, em especial nos últimos 40 anos, mercê da nossa Autonomia, os Açores progrediram como nunca na sua História.

A construção de infraestruturas públicas, o apoio à iniciativa privada no domínio empresarial, no domínio do associativismo e da cultura, os avanços na educação, nas acessibilidades e no uso de novas tecnologias, a afirmação externa da nossa Região, quer junto das nossas comunidades emigradas, quer junto de outros níveis de poder, como, por exemplo, a União Europeia, tudo isto, e muito mais, foi possível, se não totalmente na substância, certamente na rapidez com que foi feito, por causa da nossa Autonomia.

Temos hoje uma Região aberta ao mundo, desassombrada, com a segurança que advém, cada vez mais, da consciência do valor da sua História e do seu Povo, que não se fecha sobre si mesma, que não se enclausura na finitude do território, mas que tem a ambição de se afirmar para além do seu espaço territorial.

Temos desafios. É certo.

Muitos e grandes. Também é verdade.

Mas nada disso nos pode demover, nem esmorecer nem desanimar quando temos muitas mais razões para termos Esperança e Confiança na capacidade dos Açores, dos Açorianos e da nossa Autonomia vencerem esses desafios.

Não há desafio, dificuldade ou obstáculo que não possam ser vencidos por aquilo que os Açorianos têm de resistência, de determinação e de coragem.

A História demonstra-o.

Também a História de Santa Catarina o demonstra.

Ao longo da nossa História ultrapassámos muitos obstáculos, travámos duras lutas, incompreensões, injustas desconfianças e, não raras vezes, até mesmo injustiças no tratamento das nossas pretensões.

Tudo isso, que é bagagem do nosso sentimento açórico, leva a que aqui, entre vós, na casa do Poder Legislativo de Santa Catarina, celebremos o Povo Açoriano naquilo que é e naquilo por que ambiciona e luta.

O sentido de percurso, o sentido do trajeto que temos feito é essencial para que também possamos enquadrar devidamente onde nos posicionamos, o que nos espera e o que nós próprios esperamos do Futuro.

Por aqui se pode perceber que os Açores se predispõem a um novo patamar de relacionamento externo, apresentando-se às suas comunidades espalhadas pelo mundo, mas também a regiões e a estados com quem têm ligações históricas, afetivas e económicas, como uma Região moderna, dotada de boas infraestruturas, que é uma das portas de entrada na Europa, e que tem muitas oportunidades que podem e devem ser aproveitadas em benefício de ambas as partes.

O trabalho desenvolvido por inúmeras entidades, nomeadamente associações culturais, irmandades do Divino Espírito Santo, artistas, estudiosos, centros de estudo e investigação, escritores, entre outros, constitui, por isso, um pilar de reforço da nossa presença no mundo, em geral, e aqui, em concreto, ao que se acresce, não menos importante, o reconhecimento e o apoio institucional e político que corresponde à valorização desta missão.

O Oceano que nos une permanece um espaço central nas considerações geoestratégicas nacionais e internacionais em quase todas as dimensões: comércio internacional, ciência e investigação, logística e circulação aérea e marítima, defesa e proteção contra criminalidade transnacional, proteção dos recursos e preservação ambiental.

Nesse contexto, os Açores, concretizam uma vantagem estratégica óbvia.

A começar pela dimensão da sua área de Zona Económica Exclusiva, com cerca de um milhão de quilómetros quadrados, a maior da União Europeia, e que alarga as fronteiras da Europa até próximo do continente americano.

Os Açores, das mais pequenas regiões da Europa em área terrestre, assume, por via do seu Mar, a dimensão de grande região europeia.

Além disso, é no Mar dos Açores que têm sido conduzidos os projetos da Extensão da Plataforma Continental Portuguesa, que confirmam, uma vez mais, o extraordinário manancial de recursos que poderão ser colocados ao dispor da Região e do País.

Em simultâneo, é, a partir dos Açores, que se desenvolve, atualmente, a instalação do Atlantic International Research Center, relativamente ao qual, não só Florianópolis

acolheu, em novembro de 2017, a segunda Reunião de Alto Nível, que definiu a Comissão Instaladora e o Calendário de instalação do Centro, que tem desde já sede na ilha Terceira, mas também o Brasil, a par de Angola, Cabo Verde, Nigéria, Portugal, Espanha, Uruguai e Açores, assinaram a declaração de compromisso que viria a dar início à constituição deste Centro de Investigação Internacional.

Também no domínio da Defesa, lato senso, o Oceano Atlântico tem merecido uma atenção redobrada, quer por parte dos Estados costeiros, a sul e a norte, quer de importantes organizações internacionais, como a ONU, União Europeia ou a NATO, com diversas estratégias particulares no que à segurança marítima, comércio internacional ou mesmo defesa coletiva diz respeito.

Assim, a constituição do Centro de Defesa do Atlântico (CeDA), com sede nos Açores, representa também um desenvolvimento relevante, não apenas em função da posição histórica de Portugal, enquanto país atlântico de projeção internacional, capaz de criar pontes com outros Estados e regiões geopolíticas no espaço do Atlântico, mas também enquanto ator internacional capaz de agregar parcerias no domínio da Defesa com o intuito de servir objetivos comuns no âmbito das organizações internacionais de que faz parte, com natural destaque para a NATO, mas também na cena internacional.

Por último, acresce o papel que os Açores desempenham no âmbito do estudo do aproveitamento do Espaço, com instalação de duas antenas na Estação de Rastreo Espacial da ilha de Santa Maria, da Agência Espacial Europeia, - as quais intervêm na fase crítica de lançamento de satélites a partir da Guiana Francesa, e, ainda, o facto de, na mesma ilha, estar instalada uma antena da Rede Atlântica de Estações Geodinâmicas e Espaciais, vocacionada para o estudo das áreas da Radioastronomia, Geodesia e Geofísica.

Se os novos caminhos que se trilham no Atlântico relativos à exploração de recursos, nomeadamente do mar profundo, à segurança e ao espaço passam, incontornavelmente, pelos Açores, acredito serem, também, estas áreas pelas quais podemos mutuamente beneficiar de uma parceria atuante e proativa.

Estou seguro que, com o grau de desenvolvimento académico deste grande Estado, a par das inúmeras áreas que constituem hoje foco de preocupação global e, portanto, também nossas, o caminho do reforço das parcerias entre os Açores e Santa Catarina no campo da Ciência e Investigação pode ainda ser reforçado e mais proveitoso, estendendo os benefícios daquilo que já fazemos no campo da história, cultura e preservação da identidade a outras áreas.

É esse o desafio que, nesta minha primeira viagem ao Brasil, como Presidente do Governo dos Açores, iniciada neste Estado e num ano tão importante para todos nós, deixo registado nas páginas da história desta Casa e de cada uma das nossas regiões.

Que sejamos capazes, não só de curar do Passado e do Presente, mas que ambicionemos, sobretudo, inovar, atualizar, projetar no Futuro o espírito que nos tem ligado ao longo dos últimos 270 anos.

Essa será, certamente, a melhor forma de homenagearmos e honrarmos todos aqueles, a começar pelos que há 270 anos aqui chegaram, mas também todos aqueles que, ao longo desses mais de duzentos anos, se aventuraram e desbravaram os que eram, então, novos caminhos.

Aventuremo-nos, pois, juntos, Açores e Santa Catarina, no Futuro!

Muito obrigado a todos!